

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**SURDEZ : UMA HISTÓRIA DE VIDA**

**por**

**Luiz Roberto Conegundes Salvador**

**Monografia apresentada em  
cumprimento ao requisito parcial  
para a conclusão do Curso de  
Pós-Graduação Latu Sensu em  
Educação Especial.**

Dedico esse trabalho à Madalena Alves da Silva, minha cúmplice e eterna companheira, pelos seus incansáveis cuidados e pela responsabilidade do meu sucesso profissional.

### **Agradecimentos**

Agradeço esse trabalho a Deus e aos Deuses, meus grandes mestres, e à professora – mestre Liana Rubi Teresa C. O campo, pelo exemplo de sabedoria e amizade.

## **Sinopse**

Definição de surdez. Deficiências físicas e mentais provocadas pela surdez. Diagnóstico e reabilitação do surdo. Uma história de vida – o surdo entrevistado inserido no ambiente familiar, educacional e trabalhista. A sua relação com o bilinguismo e o desejo por uma sociedade inclusiva.

## Sumário

1. Introdução .....	7
2. Noções básicas sobre a surdez .....	8
2.1. Surdez – O que é ? .....	8
2.2. Deficiências físicas provocadas pela surdez .....	9
2.2.1. Músculos da boca .....	9
2.2.2. Anormalidade da laringe .....	9
2.2.3. Dificuldades respiratórias .....	10
2.2.4. Articulações .....	10
2.3. Deficiências mentais provocadas pela surdez .....	10
2.3.1. Lesões Cerebrais .....	10
2.3.2. Ausência da noção de ritmo .....	11
2.3.3. Comprometimento Cognitivo .....	11
2.4. Diagnóstico e reabilitação do surdo .....	12
3. Uma história de vida .....	14
3.1. Importância da Família .....	14
3.2. O dia-a-dia no ambiente educacional .....	16
3.3. O mercado de trabalho .....	21
3.4. Convivendo com o bilinguismo .....	22
3.5. O desejo por uma sociedade inclusiva .....	28
4. Conclusão .....	25
5. Bibliografia .....	26
6. Anexos .....	29

### Epígrafe

Os seres humanos, por natureza, aspiram ao bem e à felicidade, que só podem ser alcançados pela conduta virtuosa.

(CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo, Ática, 1994.)

## 1. Introdução

Este trabalho surgiu a partir do interesse pela educação dos portadores de deficiência auditiva, mas especificamente, pelos surdos. A nossa meta principal é analisar a surdez e a história de vida de um surdo ( Adriano ), mostrando que tais assuntos exercem um fascínio sempre crescente à medida em que nos tornamos participantes, coexistentes, enviados a momentos onde tudo acontece.

Consideramos pertinente identificar a importância da família no desenvolvimento e integração do deficiente auditivo; abordar o ambiente educacional ( papel da escola, do diretor, dos educadores e dos educandos ); situar o mercado de trabalho; comparar a língua de sinais com a língua oral como facilitadores da integração e desempenho do deficiente na sociedade e explicitar o desejo do surdo entrevistado, por uma sociedade inclusiva, o que compõem os objetivos específicos de nosso estudo.

Repensar todas essas questões nos exige tempo e dedicação. De qualquer maneira nos conduz a uma ponderação : como pensar no sentido radical, num contexto social tão constrangedor, sobre os portadores de necessidades educativas especiais, especificamente, os deficientes auditivos ?

Interrogar sempre, não se ater às aparências, ir a fundo tanto nas questões do dia-a-dia como nas questões dos momentos especiais: ter atenção contínua, bem como abandonar a inocência, a ingenuidade e a bondade, foi o caminho trilhado para essa e outras reflexões que deram consistência e vida à esta pesquisa.

O instrumento utilizado foi o material bibliográfico selecionado e a entrevista com o surdo. Sabemos que o mesmo apresenta como todo instrumento de pesquisa suas vantagens e desvantagens. Mas, devido às características do trabalho realizado e ao curto espaço de tempo disponível, optamos pela vantagem de se ter os resultados quase que ao mesmo tempo o mesmo se desenvolve.

Em suma, este estudo se faz presente devido ao prazer de conhecer sobre a deficiência auditiva e, sem dúvida, a Educação Especial. Nos cabe, portanto, enquanto futuros especialistas da área, e também enquanto homens, a responsabilidade de irmos ao encontro de nossos semelhantes, seja àquele considerado “ normal ” ou o dito “ anormal ”, respeitando-o e oferecendo-lhe os direitos que são comuns a todos os cidadãos.

## 2. Noções básicas sobre a surdez

Nesse capítulo será abordada a surdez, assim como as deficiências físicas e mentais provocadas pela mesma. Verificaremos, também, a necessidade do diagnóstico e a reabilitação do surdo.

### 2.1. Surdez – O que é ?

Este é um assunto que tem provocado a curiosidade e o interesse da parte de profissionais de quase todo o mundo, apesar de ainda ser desconhecido por parte de um grande número de pessoas.

Segundo as definições aprovadas pela Sociedade Otológica Americana, em 1940, surdo é o indivíduo cuja audição não é funcional na vida comum. Assim, sendo, como cita Costa (1988:5) “ *a surdez não é apenas uma síndrome e não uma enfermidade. São inúmeras as enfermidades que causam a surdez, tanto na vida intra-uterina ( congênita ) como após o nascimento ( adquirida ) trazendo, conseqüentemente, ausência da fala* ”. De modo estrito, pode-se considerar como surdo todo o indivíduo com ausência total de audição e como deficiente auditivo todos com limiares acima de 26 decibéis em algumas das frequências avaliadas em testes especializados ( anexo I e II ) – audiogramas ( 500, 1.000, 2.000, 3.000, 4.000, 6.000 e 8.000 Hertz ). Convém, desta forma, se levar em conta não a resposta obtida em mensurações, mas a atuação do indivíduo em situações sociais e educacionais, e, então, se considerar como deficientes os que apresentem qualquer limitação em tais situações, devido à falha no escutar.

De acordo com a BIAP ( Bureau Internacional de Audiophonologie ), para melhor compreensão das implicações referentes aos variados graus de perda auditiva, a surdez pode ser assim classificada ( anexo III ) :

- Surdez leve - perda auditiva situada entre 20 e 40 decibéis. A criança não consegue perceber igualmente todos os sons das palavras, no entanto, pode adquirir a linguagem naturalmente;
- Surdez média - perda auditiva situada entre 40 e 70 decibéis. A criança tem atraso de linguagem e alterações articulatórias. Utiliza o auxílio da percepção visual para compreender melhor as palavras;
- Surdez severa - perda auditiva situada entre 70 e 90 decibéis. A criança identifica apenas alguns ruídos do ambiente familiar. É necessário que ela frequente Escola ou Classe Especial para adquirir a linguagem necessária;



- Surdez profunda - perda auditiva superior a 90 decibéis. A criança é privada das informações auditivas necessárias, não adquirindo a linguagem oral.

Em suma, pode-se afirmar que existem várias terminologias para se referir aos portadores de deficiência auditiva, tais como: surdo, duro de ouvido, hipoacústico, disacústico, deficiente auditivo, surdo-mudo, dentre outras. Mas as mais utilizadas são as expressões **surdo** e **deficiente auditivo**.

## **2.2. Deficiências físicas provocadas pela surdez**

Verificaremos, aqui, as principais deficiências físicas provocadas pela surdez, que devem ser submetidas a um processo reabilitador desde tenra idade.

### **2.2.1. Músculos da boca**

De acordo com Fernandes ( 1990:34 ), *“ os músculos da boca são normais, embora pouco desenvolvido em várias de suas potencialidades pois não são, a priori, utilizados da mesma forma que ocorre com os ouvintes normais. A língua, por exemplo, não faz todos os movimentos que a de um falante normal e, se não for exercitada desde cedo, haverá dificuldade para articulação dos sons ”*.

Acreditamos, então, que os exercícios ideais podem ser feitos através de jogos e brincadeiras para que a criança não se canse ou sinta-se desestimulada, mas é imprescindível sua realização na *“ fase preparatória à desmutização ”*, como afirma Fernandes ( 1990:35 ).

### **2.2.2. Anormalidade da laringe**

A laringe dos surdos ~~se~~ difere da dos falantes por ser elevada e distendida. Seus movimentos são anormais, o que ocasiona dificuldade de contração das cordas vocais, ficando a voz débil e rouca. Segundo Fernandes ( 1990:34 ) *“ o ar inspirado não se transforma totalmente em ondas vibratórias, encurtando o tempo de fonação e obrigando o falante a inspirar com mais frequência ”*.

Os exercícios vocais podem também auxiliar na recuperação do órgão e suprir defeitos adquiridos. Como bem lembra Fernandes ( 1990:34 ), *“ tudo vai depender da idade com que a criança começará a realizar os exercícios ”*.

### **2.2.3. Dificuldades respiratórias**

Como se sabe, a respiração do surdo é irregular, o que causa, de acordo com Fernandes ( 1990:32 ), “ *um cansaço desnecessário em qualquer tentativa de fonação* ”. Perelló e Tortosa ( 1978:78 ), em estudo sobre a questão, concluiu que “ *a respiração é diafragmática; não há correspondência entre os movimentos do tórax e do abdômen; não há simetria entre os lados do tórax ; não existe ritmo nem regularidade respiratórios; os movimentos respiratórios não são flexíveis; a voz é nasalizada (...)* ”.

Estes problemas respiratórios ocorrem devido à falta de noção de ritmo, como verificaremos mais adiante. “ *Quando há tentativa de fonação, a frequência inspiratória aumenta, cortando e interrompendo a fluidez das palavras. A produção de palavras sacudidas e desgarradas dá-se, portanto, porque não há um ritmo inspiratório e expiratório*”, como afirma Fernandes ( 1990:32 ).

### **2.2.4. Articulações**

Quando realizados, os movimentos articulatorios são incorretos, provocados pelas deficiências da laringe e dos músculos da boca, inspiração e expiração comprometidos. Além disso, o portador de deficiência auditiva não tem noção de dosagem para a força expiratória ao pronunciar o som.

Muitos equívocos nas articulações são provocados pelos próprios especialistas em deficiência auditiva quando força a produção dos sons a serem imitados. Acreditam, equivocadamente conseguir maior clareza. É preciso falar com o deficiente naturalmente, para assim poder exigir o máximo de normalidade que ele possa alcançar ao reproduzir os sons que aprende. Exercícios de dosagem da força expiratória são essenciais, neste caso.

## **2.3. Deficiências mentais provocadas pela surdez**

O surdo pode também apresentar deficiências mentais devido à surdez que devem ser reparadas desde cedo. Verificaremos.

### **2.3.1. Lesões cerebrais**

A lesão cerebral é uma deficiência que pode trazer sérias conseqüências ao desenvolvimento do deficiente auditivo. É preciso dar a este indivíduo condições para ouvir, perceber sons, mesmo que nunca chegue a compreender uma mensagem lingüística através de meios acústicos. O ideal é desenvolver ao máximo o sentido acústico e colocá-lo em funcionamento ainda que rudimentar. Isto é possível porque, na maioria dos casos, os deficientes auditivos apresentam resto de audição e podem ser educados parcialmente. E mesmo nos casos mais graves, onde a audição é nula através de amplificadores, a percepção do que é um som e o desenvolvimento desta percepção pode ser conseguida através dos métodos educacionais. Dentre os métodos destaca-se o método Suvag ( Sistema Universal Verbo-Auditivo Guberina ) : o método verbo-auditivo ou verbo-tonal, desenvolvido por P. Guberina , parte do princípio de que a percepção auditiva limitada ao sentido do ouvido não resulta apenas da integração de estímulos vindos por via aérea.

Para evitar prejuízo sobre o resto do funcionamento cerebral é preciso, como ressalta Fernandes ( 1990:32 ), “ *desenvolver ao máximo a capacidade acústica do indivíduo* ”.

### **2.3.2. Ausência da noção de ritmo**

A ausência da noção de ritmo provoca no deficiente auditivo a ausência de certos comandos e estímulos, responsáveis alguns até pela respiração regular. Quanto maior o grau de deficiência, maior será a ausência de ritmo.

A falta de ritmo é um fator de muita importância e um dos que mais danos causa ao deficiente em relação a sua capacidade de expressão oral. A capacidade de percepção do que se diz e a expressão oral que consegue desenvolver são dois importantes instrumentos de apoio para a evolução mental.

À medida que a noção de ritmo é apreendida, a criança apresenta progresso também quanto a uma respiração e articulação mais naturais. Em contrapartida, os treinos respiratórios e articulatórios, exercícios imprescindíveis, auxiliam na eficácia do ritmo.

### **2.3.3. Comprometimento cognitivo**

Segundo Fernandes ( 1990:47 ), “ *a ausência da linguagem interfere de modo significativo no desenvolvimento do indivíduo surdo* ”. Desta forma, acreditamos que o indivíduo surdo não é inferior aos ouvintes, (b) que ocorre são algumas dificuldades quanto à compreensão e interiorização da linguagem, por haver um comprometimento cognitivo.

O portador de deficiência auditiva com déficit cognitivo não adquire excelente linguagem verbal, apresenta, na formação das representações mentais, uma predominância de imagens viso-motoras e um pensamento mais concreto com dificuldades de abstração e generalização.

De acordo com os estudos piagetianos, pode-se verificar que há um período, no desenvolvimento cognitivo do surdo, em que há uma inteligência pré-linguística, denominada por ele de inteligência prática, e uma linguagem não racional chamada de período de balbucio. A inteligência é, pois, produto das estruturas mentais que interagem e se desenvolvem de acordo com estágios, mesmo que de uma forma mais lenta em relação ao indivíduo normal.

Kelman ( 1996:21-22 ) em seu estudo sobre a linguagem egocêntrica na criança surda, assim como Piaget, acredita que *“ a inteligência se manifesta já na criança que se encontra na fase pré-verbal, o que se conclui que o desenvolvimento cognitivo se inicia anteriormente ao seu desenvolvimento da linguagem ”*.

Com base nas idéias de Vygotsky, pode-se constatar que a linguagem exerce influência sobre a constituição das formas mais abstratas do pensamento e da consciência. Esta é uma condição que leva à formação da atividade consciente da estrutura complexa do homem, organizadora e mediadora da sua conduta, sendo através dela que se efetiva a realização do pensamento.

Tendo em vista toda essa discussão, nos deparamos com a mesma indagação feita por Fernandes ( 1990:64 ) : *“ O que, então, estaria realmente interferindo nos processos de desenvolvimento de modo a propiciar uma diferente manifestação psíquica do surdo ? ”*. Conforme cita Myklebust ( 1964:82 ), *“ se faltam estimulação e treinamento, a inteligência se estrutura por si mesma de modo diferente. O surdo resolve testes através de processos psicológicos diferentes dos de um indivíduo normal. Embora o problema apresentado seja o mesmo, o trabalho mental para resolvê-lo parece diferente, pois, é também diferente a disponibilidade psíquica de um e de outro em relação ao processo desenvolvido para alcançar a solução ”*.

Enfim, concordamos com Fernandes ( 1990:64 ) quando deixa claro que *“ o tipo de linguagem desenvolvida pelo surdo é suficiente para resolver seus problemas cognitivos, mas insuficiente para suprir muitas deficiências causadas pela ausência de um código simbólico-verbal específico como o surdo por um falante normal ”*.

## **2.4. Diagnóstico e reabilitação do surdo**

Antes de nos aprofundarmos neste assunto, se faz necessário comentar sobre o ouvido do homem ( anexo IV ), para que possamos compreender que a deficiência auditiva é um

estado patológico do órgão auditivo, de etiologia congênita ou adquirida, que pode ser reabilitada parcialmente quando diagnosticada cedo.

O ouvido, anatomicamente, compreende três partes: a) externa, b) média, e c) interna.

O ouvido externo é responsável pela recepção do som. Tem a forma de uma concha. Compreende o pavilhão da orelha e o conduto auditivo externo.

O ouvido médio, responsável pela transmissão das vibrações sonoras, é constituído de uma cavidade, separada do conduto auditivo pelo tímpano. A parede interna é óssea e apresenta dois orifícios: a janela oval e a janela redonda, que comunicam o ouvido médio com o ouvido interno. O ouvido médio possui um conjunto de ossinhos cuja função é transmitir as vibrações sonoras do tímpano à janela oval.

O ouvido interno é responsável pela percepção. É no ouvido interno que a energia sonora (vibrações sonoras) são transformadas em energia acústica. Está constituído pelo labirinto, cuja parte posterior (vestíbulo e canais semi-circulares) tem a função de assegurar o equilíbrio. A parte anterior do labirinto, denominada caracol ou cóclea, é o órgão da audição. Chama-se caracol porque a cóclea enrola-se sobre si mesma igualmente a um caracol.

Dentro da cóclea existe o órgão de Corti. É formado pelas células sensoriais auditivas que terminam no nervo auditivo. As vias auditivas que prosseguem através do nervo auditivo chegando até ao córtex cerebral, na região do lóbulo temporal.

Qualquer que seja o comprometimento a este órgão, ele sofrerá as conseqüências e o indivíduo portará algum tipo de deficiência auditiva. Seja qual for o problema, o diagnóstico deverá ser feito desde tenra idade.

O diagnóstico, como se sabe, é um recurso básico que permite explicar as manifestações e os sintomas observáveis e também a evolução e as conseqüências dos quadros comportamentais. De acordo com Pereira (1980:26), “o diagnóstico é um processo contínuo e sistemático de avaliação que utiliza métodos, técnicas e recursos válidos, objetivando investigar, interpretar, orientar e prever situações, distúrbios e dificuldades, determinando suas causas, para que possam ser devidamente prevenidas, corrigidas e / ou controladas”.

O diagnóstico precoce é importantíssimo para a educação do deficiente auditivo. Os pais, nesse caso, exercem um papel crucial, daí a necessidade de buscar a informação sobre a surdez, assim como qualquer outra deficiência, antes de realizarem o planejamento familiar.

Uma vez informados, os pais saberão que a criança que ouve, partindo do balbúcio, entra na fase lingüística, estabelecendo a relação palavra-objeto, que marca sua entrada no mundo da socialização, estruturado pela linguagem. Já a criança surda é privada dos estímulos sonoros no período mais importante para a aquisição da linguagem. Esta não

percebe os sons; não localiza os sons e nem brinca com eles; não percebe que os sons têm significado e que são usados para a comunicação.

Os pais deverão buscar incansavelmente instituições especializadas no assunto onde possam se reunir com outros pais para discutirem os problemas de seus filhos e da possibilidade, dependendo da deficiência auditiva, do uso de aparelho. A interação com profissionais especialistas em surdez e com os pais mais preparados contribuirá para o sucesso do indivíduo.

Após o diagnóstico, o portador de deficiência auditiva deverá ser encaminhado ao atendimento, que necessita juntamente com um planejamento adequado, para a sua reabilitação. A reabilitação poderá acontecer com sucesso se a deficiência for detectada o quanto antes. O mesmo só será considerado reabilitado se tiver condições de alcançar o estado de convivência e automanutenção no meio social de ouvintes. É um processo que visa à integração do deficiente auditivo no seio da sociedade.

### 3. Uma história de vida

Adriano S. S. nasceu em 7 de julho de 1978, na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, tem 20 anos, mora com os pais, trabalha na parte de informática de uma locadora e estuda numa instituição do ensino privado, cursando a terceira série do segundo grau.

A família do entrevistado descobriu a sua surdez aos três meses de nascido, e a partir de então, Adriano teve acompanhamento clínico onde se deu a estimulação precoce. Quando completou um ano e dois meses de vida, teve acompanhamento fonoaudiológico e psicológico. Aos três anos, quando demonstrava interesse pelos lápis e pelos papéis, teve acompanhamento de um pedagogo e especialista em surdez.

Os anos foram passando, o jovem ingressou na escola, onde se encontra até hoje, fazendo uso da Língua de Sinais e da Língua Portuguesa, e deseja cursar Artes Plásticas numa instituição de ensino superior. Sempre que pode, ~~o mesmo~~ busca se aprofundar nas questões que envolvem a surdez. É uma pessoa integrada, independente e realizada.

#### 3.1. A importância da família

Adriano, nosso entrevistado portador de surdez, deixou claro que a família é a grande responsável pelo seu sucesso enquanto pessoa e profissional. Ele nos falou com muita satisfação e emoção sobre a importância da família em sua vida : “ *O que sou, hoje, agradeço aos meus pais por terem descoberto a minha surdez e me encaminhado para especialistas na*

área;” afirma também com muito vigor : “ *sou feliz por ter sido aceito por minha família ( pai, mãe e irmão ) e por acreditar que sou capaz de viver e interagir com outras pessoas portadoras ou não de deficiências* ”.

Com base nestes depoimentos, podemos perceber como é vital o papel da família na educação do surdo. Afinal, cabe a ela a árdua tarefa de conduzir o indivíduo ao desempenho dos vários papéis sociais decorrentes do processo de desenvolvimento.

É claro que nem toda a família se comporta como a de Adriano. Há famílias que vivenciam a experiência de ter um filho surdo e têm um comportamento frustrado e até doloroso. Antes de nascer este sujeito é desejado conforme os padrões de normalidade estabelecidas pela sociedade. Nos referimos a um sujeito não portador de necessidades educativas especiais, fruto do desejo de seus pais, avós, tios e outros; um ser que é “ *objeto do desejo do outro antes mesmo de chegar a ser recortado do no horizonte do vivo*”, como afirma Lajonquière ( S.d.:154 ).

Num primeiro momento ocorre um impacto que mistura sentimentos de luto, raiva e culpa. Como poderá um indivíduo que deve “ *ser ratificado como vivo, como um sujeito, pelos outros, pelo desejo historicizado desses outros no interior de um ordenamento simbólico* ”, segundo Lajonquière ( S.d.:155 ), viver e superar as barreiras que existem contra a sua deficiência, assim como conquistar seu lugar no espaço, se não tem o apoio, o amor e a cooperação da família ?

Para Adriano, se a sua família tivesse a visão de mundo diferente da que possui sobre ele e a sua deficiência , “ *jamais seria alguém capaz de prosperar socialmente* ”.

A família deve estabelecer uma relação bem sintonizada com o portador de deficiência auditiva, assim estará contribuindo para a formação do caráter e da personalidade do indivíduo. Essa relação contribuirá positivamente para o que Morin ( 1973:165 ) chama de identidade sociocultural: “ *(...) a identidade social vai ser aumentada, no indivíduo, reforçada, pela confrontação com as outras sociedades, que, embora tenham uma organização com base semelhante, se diferenciam pela linguagem, pelo mito genealógico e cósmico, pelos espíritos, pelos deuses, pelos símbolos, pelos emblemas, pelo rito, pela magia, quer dizer, pelos caracteres noológicos. E, deste modo, a esfera noológica da cultura define a identidade de cada indivíduo como a de cada sociedade.*”

Através da aceitação, do respeito à sua deficiência e do amor, o indivíduo terá a primeira experiência de internalização e quando esta experiência é bem trabalhada, o processo de constituição do sujeito segue uma trajetória natural, sem medo, ressentimento ou privação. A família não deve, portanto, educar o portador de deficiência auditiva com uma disciplina muito rígida, mas ajudá-lo a encontrar sua própria iniciativa de vida e adquirir coragem por si mesma. De acordo com Winnicott ( 1988:42 ), “ *os pais não devem limitar a métodos fixos de orientar por meio da proibição e da permissão, devem ser capazes de afirmar ao sujeito uma convicção profunda de que tudo que fazem tem significado.*” Assim sendo, o amor, a coragem e a firmeza são valores que se fazem necessários e quando o ser humano não

compreende isso desde a primeira infância, pode prejudicá-lo para o resto da vida, principalmente na aprendizagem.

O estudioso Van Wyk ( 1959:27 ), acreditando na importância da família, propõe algumas sugestões para os pais de crianças com perdas auditivas:

- Falar constantemente com o seu filho, proporcionando-o uma rica atmosfera falante.
- Contar com a possibilidade do seu filho aprender a ler, mesmo que seja com palavras significativas, em situações específicas, ou com referência a objetos e atividades concretas.
- Trabalhar constantemente para aumentar o vocabulário da criança.
- Exigir e esperar que o deficiente auditivo aceite responsabilidades e participe na vida familiar.
- Ensinar ao filho o sentido do esforço pessoal.

O sujeito em si necessita de um ambiente agradável para viver os momentos de sua existência, caso contrário, tornar-se-á disperso, sem motivação, sem objetivo. O ambiente familiar faz do sujeito dependente alguém independente, como pode fazer também um movimento contrário, daí considerar a importância da família.

Se o deficiente auditivo estiver inserido num meio que propicie seu desenvolvimento, logo, terá capacidades para suprir-se sozinho de calor, proteção e nutrição, precisando muito menos dos que estão ao seu redor. A sua capacidade começa sendo mínima, mas à medida em que o tempo passa vai aumentando cada vez mais e se sentirá capaz de viver o mundo e dar continuidade a sua existência. Desta forma acreditamos no **homem peninsular** de Morin, aquele que pode ser encontrado através dos seus múltiplos nascimentos, desde suas origens ( hominização ) até ao seu devir contemporâneo.

Enfim, encerramos mais um capítulo e dessa vez ratificando o pensamento de Veiga ( 1992:22 ), quando nos diz que “ *o mundo externo é como uma pessoa a quem somos apresentados. Se foi apresentado de maneira agradável, aprendemos a gostar dela, caso contrário, preferimos nos fechar no quarto. Isso é doença psíquica: ficar fechado no quarto da alma e ter horror do mundo* ”.

### 3.2. O dia a dia no ambiente educacional



Adriano até os quatro anos de idade teve acompanhamento fonoaudiológico, pedagógico e psicológico. Quando completou 5 anos de idade, iniciou sua vida acadêmica cursando a classe de alfabetização de uma instituição particular. Segundo o entrevistado, seus colegas de sala nem imaginavam que ele era portador de surdez. “ *Todos brincavam, sorriam, choravam e eu fazia as mesmas coisas, pois entendia o que cada colega sentia e dizia através dos gestos e das expressões faciais.* ”

Ao ingressar na terceira série primária, os colegas já percebiam que ele não escutava e o chamavam de “ *surdo* ”. Ele confessa lembrar que a professora conversou com a turma sobre a sua deficiência e os colegas de classe curiosos queriam ajudá-lo. Já dominando a língua de sinais, Adriano tentava se comunicar, mas não se fazia entender completamente pela turma. Afirma, emocionadamente: “ *eu tentava me comunicar pela oralidade, embora fosse muito difícil ... tive muita ajuda dos colegas de classe e da fonoaudióloga* ”.

O tempo passou, Adriano já alfabetizado, compreendia sessenta e cinco por cento (65%) das ciências humanas e exatas; ingressou no ginásio, onde também não teve problemas de interação social, o seu maior problema, relata, tristemente, era a língua estrangeira(inglês): “ *eu só tirava nota abaixo da média, mas não desisti em tentar aprendê-la* ”.

O ginásio se foi e ingressou no segundo grau do curso técnico em informática. Ele muito dedicado e com o apoio incondicional de sua família se destacava dentre os demais da sala de aula.

Adriano, atualmente, cursa a terceira série do segundo grau, em classe regular, e sonha cursar uma Universidade e seguir a carreira de artista plástico. “ *A arte me fascina; sou um excelente desenhista e pintor, segundo meus amigos, família e parentes. Quero muito e conseguirei !* ”, relata Adriano.

No que diz respeito à utilização dos métodos de educação utilizados para o desempenho da emissão e recepção de mensagens do deficiente auditivo, Adriano se posiciona criticamente: “ *os métodos existem, são bons, mas a atuação do educador transcende qualquer um deles* ”.

O método utilizado na educação acadêmica de Adriano foi o método oral. Vejamos, a seguir, alguns deles:

- **Método oral** - baseia-se prioritariamente na aquisição da linguagem oral pela criança.

A educação oral ocupa todas as horas do dia e todos os dias do ano. Nela tomam parte ativa todas as pessoas que têm contato com a criança. Exige atenção quase individual, devendo, portanto, os grupos-classe serem limitados de cinco a seis alunos, aproximadamente, nas escolas ou classes especiais dos grupos escolares.

- **Método Tadoma** - nesse método, a priorização está no uso da percepção tátil. O aluno coloca os dedos nos lábios e na laringe para sentir as vibrações produzidas. É

utilizado também na educação da criança com surdez e cegueira. O ensino pela percepção das vibrações foi chamado **Tadoma** por Alcorn, 1932.

- **Método Guberina** - já citado em outro capítulo.
- **Método Perdoncini ou Acupédico** - utiliza somente a pista auditiva. São grandes incentivadores desse método o Dr. Guy Perdoncini (França) e Doreen Pollack (Estados Unidos).  
O objetivo do método é explorar totalmente a audição residual da criança deficiente auditiva para ajudá-la a desenvolver uma personalidade completamente integrada dentro do mundo sonoro e ensiná-la a falar através do sentido da audição.

- **Método Rochester** - neste, a criança recebe informação através de leitura labial, amplificação sonora e alfabeto digital, além de se expressar pelo uso sistemático de fala e de alfabeto digital.

Este método vem sendo utilizado desde 1878 na escola Rochester para surdos nos Estados Unidos.

- **Método Dactilológico** - consiste na substituição das letras escritas por sinais feitos com os dedos das mãos, como se fosse uma escrita realizada no ar. É de origem francesa, utilizados pelos antigos egípcios, judeus, gregos, romanos e os monges que faziam voto de silêncio.

O alfabeto dactilológico não é igual em todo o mundo, havendo variações em alguns países.

- **Método Global** - este baseia-se na teoria de Gestalt: psicologia das formas ou das estruturas. Através deste método, a criança percebe o mundo que a cerca de modo sincrético.

Este método refuta a leitura fônica e silábica, e não se preocupa, inicialmente, com os defeitos de articulação, que serão corrigidos mais tarde.

- **Método Malisch** - Malisch, mestre alemão do início do século, aplicou o método global. A diferença com método anterior está na preocupação com a correção imediata dos defeitos de pronúncia e mutilação da palavra.

- **Método Balbucio** - criado por Avondino (1924) consiste na articulação de sílabas como base para o ensino de palavras e frases.

- **Método Simultâneo** - este método desenvolve, simultaneamente, a linguagem mímica, o alfabeto manual e a oralidade. O ensino da oralidade, segundo este processo, é o mesmo que sofre o surdo que desenvolve apenas pela oralidade. A

diferença consiste apenas no fato de o surdo aprender, também, os outros dois processos de comunicação.

- **Método Total** - pretende uma coordenação da linguagem mímica e a linguagem oral. O objetivo é que a mímica facilite a palavra oral. Há o perigo de acomodação por parte do surdo.

Adriano afirmara que a atuação do educador transcende o método. Verificaremos, então, como o educador, o educando e a escola devem contribuir no processo educacional.

Todos sabemos da desordenação social em que vivemos. Os valores de nossa sociedade são questionados em todos os níveis. O educador sente-se atingido por essa convulsão e procura reformular-se na tentativa de encontrar novas propostas que respaldem situação. Espera-se que o educador seja um indivíduo estruturado para se colocar frente a seus alunos, ainda em formação. Sendo um dos agentes da aprendizagem, o papel do educador deverá ser sempre dinâmico e flexível.

A ação do educador deverá se revelar como resposta às diferentes necessidades colocadas pela realidade educacional e social. Para tanto, a sua formação deverá ter como finalidade primeira a consciência crítica da educação e do papel exercido por ela no seio da sociedade, o que implica num compromisso radical pela melhoria da qualidade do ensino. Como afirma Oliveira (1992, In Garcia 1990:32).

*“ Não devemos entender a ação do professor como mera reprodução de práticas docentes vivenciadas por ele na sociedade onde vive. Muito mais que isso, ela constitui uma reconstrução dessas práticas ... ”*

A deficiência do corpo docente, como se sabe, vem sendo completamente construída //? pelos Cursos de Formação de Professores. Acreditamos, assim como acredita Garcia (1990:34), que *“ estes devem ser submetidos a treinamentos nos quais se ensina como a criança aprende e como a professora deve ensinar, sem considerar a prática concreta das professoras, é radicalmente oposto a partir da prática docente, proporcionar a troca de experiência entre as professoras e a teorização sobre a prática , ampliando e aprofundando o conhecimento empírico das professoras com o conhecimento científico de ponta ”*.

A essência do processo de formação continuada do professor deve no seu caráter crítico-pedagógico que atinge todos os componentes do grupo, o processo de transformação da prática. Esta situação terá reflexos, espera-se, na respectiva organização profissional, através de posições mais firmes, conscientes e globalizantes em relação ao processo educativo no interior de uma sociedade de classe.

No que se refere ao educando, é comum percebermos que este é no processo ensino-aprendizagem subordinado à professora e esta, por sua vez, subordina-se a outras autoridades a ela hierarquicamente superiores, sem espaço para reflexão pessoal, mas sob padrões pré-

estabelecidos que limitam a atuação de todos os participantes. É o reflexo da realidade social <sup>na qual</sup> que estamos inseridos.

É romper a restrição à palavra que fazemos aos nossos educandos, à expressão de sua vivência, e passar a entender a aprendizagem como direito, direito de desejo, proporcionando oportunidades de busca e autocrítica, gerando uma participação responsável no processo de aquisição de conhecimentos por ambas as partes.

No processo de aprendizagem do surdo, é de extrema importância o clima que se vai criando em sala de aula para a aprendizagem. O ambiente escolar deve ser o mais produtivo e estimulante possível permitindo, assim, a construção de espaços onde cada educando possa expressar o que pensa, onde seja capaz de entender o que os outros expressam e se fazer entender.

Neste ambiente as crianças, os jovens e adultos, através da interação com os colegas e com o professor, vão construindo o seu saber e o seu fazer. Afinal, o ensino acadêmico se constrói em aventura na busca do conhecimento, compreensão e comunicação com o mundo.

O educando deve ser considerado como um ser livre e autônomo para construir seu conhecimento, mas deve também saber respeitar seu professor; interessar-se em aprender; indagar sempre que for preciso quando houver dificuldade em aprender e estudar buscando sempre o progresso. A educação deve ser trilhada em um ambiente que promova a liberdade de expressão e a troca, o que se aprende do que se lê, vê, saboreia do texto, do corpo próprio e do outro. }

No tocante à escola, tem-se oferecido muito pouco espaço para uma prática educacional construtiva. É preciso que esta esteja ajustada à realidade do aluno. O aluno não pode ter, ali, o seu direito de expressão negado. A escola deve se propor a ouvi-lo, pois se assim procede permite que a fala do mesmo seja um importante componente do processo de construção da aprendizagem.

Em relação aos conteúdos passados pela escola, acredita-se que também merece uma atenção maior. Os conteúdos selecionados para aprendizagem do deficiente auditivo devem ser extraídos da necessidade de conhecerem-se e conhecerem o mundo a sua volta. O projeto pedagógico deve ser sempre um processo inacabado em direção a uma finalidade que permanece como horizonte da escola, como na realidade não é. Não se levanta um projeto sem uma direção política, logo, todo projeto pedagógico da escola é também político. Desta forma, a escola deve formar para a cidadania. Não há educação e aprendizagem sem sujeito da educação e da aprendizagem. A participação pertence, portanto, à própria natureza do ato pedagógico. *reflexivo*

Enfim, cabe a todos envolvidos com a educação se conscientizarem deste fato, <sup>qual?</sup> que consideramos de extrema importância à nossa existência como professor<sup>s</sup> e ou pedagogos em nossa sociedade.

### 3.3. O mercado de trabalho

O trabalho, como se sabe, é essencial para que o homem possa viver em uma sociedade onde tudo gira em torno do capital, seja para vestir-se, comer, beber, sair, tratar de doenças, divertir-se etc.

O trabalho é, sem dúvida, uma condição imanente à existência da espécie humana, mas, nos dias de hoje, muitos não o tem e sofrem com a pressão do capitalismo selvagem. O trabalho está difícil, centenas de brasileiros vivem à procura de qualquer função que possa ocupar. Se está para os cidadãos chamados “normais”, para os portadores de necessidades educativas especiais está mais ainda, devido ao preconceito e o pensamento de que eles não produzem o suficiente para perpetuar o lucro.

Adriano trabalha numa locadora, na parte de informática, numa jornada de 6 horas. Segundo ele, os direitos trabalhistas são iguais, independente de cor, sexo, religião, “deficiência” etc., o que proporciona prazer a todos os trabalhadores do estabelecimento. Ele declara: *“ eu tive e tenho o apoio dos meus pais que me ajudaram a lutar por um espaço no mercado de trabalho. Mas: e os outros que não têm a dedicação familiar, o esforço pessoal, sentem-se só e recuam na primeira tentativa com insucesso ? ”*

O direito de acesso ao trabalho deve ser igual a todos. Os conhecidos como “deficientes”, antes de serem “especiais”, são pessoas que devem ser levadas a participar da sociedade como cidadãos.

A nossa sociedade necessita urgentemente de uma política de preparação para o mercado de trabalho que vise os direitos dos portadores de necessidades educativas especiais. O ideal seria que esta política pautasse seus objetivos no potencial e na competência individual de cada um; que as opções existissem e que eles se sentissem motivados nas tentativas rumo à independência, porque como diz Mantoan (1989:14), *“ (...) o aluno deficiente é uma pessoa capaz de se construir cognitivamente, afetivamente e socialmente ”*.

Ainda nessa discussão, acrescenta Adriano: *“ a oportunidade deve existir, o que deveria acabar era a idéia de que um “ser diferente”, deve ser marginalizado. A perpetuação da discriminação e da segregação dos “ não normais ” é cruel ! ”*

Em suma, se acreditarmos que *“o fato de os homens se relacionarem, quantitativa e qualitativamente diferente no plano social, é uma construção sócio-cultural”*, como afirma Ribas (1983:13), seremos seres capazes de viver saudavelmente como os demais seres, construindo, uma sociedade igualitária e não excludente.

### 3.4. Convivendo com o Bilinguismo

O bilinguismo “ *não é um método ou filosofia de educação. Restringe-se ao fato de um falante dominar duas línguas e utilizá-las como instrumentos de comunicação*”, afirma Fernandes ( 1997:28 ).

O jovem entrevistado sentiu-se à vontade em dizer que “ *o fato de dominar duas línguas- a Língua dos Sinais e a Língua Portuguesa – faz com que o surdo e qualquer outro portador de deficiência auditiva seja capaz de interagir com a comunidade ouvinte na qual está inserido, bem como na comunidade de não-ouvinte*”. A sociedade, lastima ele, “ *deveria ter acesso não só à aprendizagem da Língua Portuguesa, do inglês, do espanhol etc., mas também da Língua de Sinais*”.

Com base no depoimento de Adriano, acreditamos que uma educação com bilinguismo “ *não deve se restringir a dar ao surdo, oportunidade de aprender duas línguas, mas apenas saber utilizá-las para implementação de um método educacional conveniente para o desenvolvimento do processo educacional*”, como diz Fernandes (1997:24).

É importante destacar que bilinguismo não é o mesmo que comunicação bimodal: a comunicação bimodal leva o surdo a usar a Língua Portuguesa através de sinais, abandonando a estrutura sintática de sua língua natural. Este recurso não é benéfico à educação do deficiente auditivo, “ *pois interfere de modo negativo na aquisição tanto do português quanto da Língua de Sinais, de desrespeita uma dentre as características mais próprias e que mais refletem a personalidade e a alma da comunidade de surdos: sua própria língua* ”, segundo Fernandes (1997:25).

Tanto a Língua de Sinais – língua natural usada por surdos como instrumento de comunicação – quanto a Língua Portuguesa – língua natural usada pela comunidade ouvinte – são essenciais ao surdos pois “ *preexiste ao indivíduo, que, do nascimento à morte , não tem outra opção senão aprendê-la*”, como cita Luria (1987:32), e ainda vai mais longe afirmando que “ *quer se trate da pressão que exerce, desde o nascimento, sobre as representações mentais de quem fala uma língua em seu ambiente natural e tem sua mentalidade por ela moldada, quer se trate do uso que se pode fazer da língua em ato, ou seja, a palavra falada, para fins de dominação, os poderes da língua são evidentes*”.

Enfim, apesar das vantagens que o bilinguismo pode proporcionar ao portador de deficiência auditiva, é importante que fique claro que ele deve ter o direito de optar pela língua que mais desejar, o que confere ao seu semelhante o dever de respeitar tal decisão.

### 3.5.O desejo por uma sociedade inclusiva

Adriano sonha como todo o ser humano, fruto de uma sociedade desigual e excludente. O seu maior desejo é que todos os portadores de necessidades educativas especiais (D.A., D.V., S.D., D.F., D.M. etc.) tenham os mesmos direitos e deveres como os não portadores de necessidades educativas especiais. Confessa angustiadamente: *“ falta ao ser humano mais amor e respeito ao seu semelhante. Apesar de ser amado e aceito por minha família, amigos, colegas de escola, sei que muitos sofrem com o preconceito dos que ignoram tudo que foge dos padrões da sociedade. O meu maior desejo é que a sociedade mude radicalmente e todos os excluídos possam ser incluídos com os mesmos direitos de ir e vir ”*.

É evidente o desejo do entrevistado de viver numa sociedade inclusiva. Mas o que será uma sociedade inclusiva ? para discutirmos tal questão é necessário fazer uma distinção entre exclusão e inclusão.

A inclusão trata justamente de aprender a viver com o outro, isto é, “ estar com ” o outro num processo interativo sem preconceitos; cuidar uns dos outros independente de cor, raça, sexo, religião ou qualquer “deficiência”.

Como vivemos numa sociedade dita “ democrática ”, entendemos democracia como igualdade. a inclusão deve, de fato, ser real. Embora tendo obstáculos e sendo complexa, é necessária e possível de ser implementada. Para isso, é importante que todos se conscientizem que o ser humano, seja como e qual for, é cidadão como qualquer outro.

Para que isso ocorra, sem dúvida, é essencial a colaboração e cooperação de todos os membros da sociedade, o desenvolvimento de cada um dentro de ritmos diferentes, a ausência de indisciplina e piedade, bem como acessibilidade entre todos, porque todos são cidadãos, pensantes, desejantes e sociais e, como tal, com direitos assegurados de inclusão plena. Esta deve se caracterizar pela busca cada vez maior da garantia dos direitos humanos e de oportunidades, visando ao exercício de sua cidadania, e até da democratização do saber.

A exclusão, por sua vez, é o antônimo da inclusão, significando afastamento e eliminação. A exclusão contribui para a segregação e conseqüentemente para a individualização social. Será justo vivermos num ambiente selvagem onde somente o belo, o perfeito e os que se encontram dentro dos padrões da sociedade têm direitos ?

*medida de inclusão*

Quando se fala em exclusão, evidencia-se que são excluídos os que possuem menos capacidade para atingir os objetivos e os desejos estabelecidos pelo social. Na realidade, se a humanidade fortalecer ainda mais a exclusão, as chances de êxito serão menores como, infelizmente, vem acontecendo no mundo. O que fazer, então ?

Algumas sugestões podem ser apontadas para esses obstáculos. Uma delas refere-se ao respeito, amor e solidariedade entre todos os homens. A organização de grupos de discussão pode também ser indicada, porém, é necessário ter cuidado em relação ao tema a ser discutido, pois pode ser um reforço para atitudes negativas em relação aos marginalizados pela sociedade ( portadores de necessidades educativas especiais, gay, negros e outros ).

A humanidade deve se propor a aceitar esse desafio, deverá ter em mente que as transformações que poderão ocorrer em sua dinâmica irão beneficiar não somente aos que são discriminados, mas a todos que estarão preparados para lidar com situações que fujam ao cotidiano.

Não podemos falar em sociedade inclusiva sem falarmos em ética, afinal, o homem precisa conhecer-se enquanto ser ético para que respeite a condição de cidadão de cada um.

A ética é um elemento que muito contribui para a formação da sociedade inclusiva. A vida ética na sociedade inclusiva deve consistir, de tal maneira, na prática da justiça na comunidade humana. O cidadão pela prática da justiça alcançará sua causa final e suprema: viver bem. Acreditamos assim como Aristóteles que o mais importante é o cidadão formado nas virtudes e especialmente na justiça, do que a lei com suas prescrições objetivas. A justiça é quem estabelece a relação entre as pessoas e leva o ser humano a conviver com os seus semelhantes. Concordamos com São Tomas de Aquino que a moralidade deve dominar todos os relacionamentos e que o ser humano jamais poderia negar as bases da ética. Enfatiza a natureza moral do Estado. A tarefa do governante é preservar a integridade de todos os cidadãos. Ratificamos, ainda, o pensamento de Kant quando deixa claro que o homem está sujeito à variedade e à mutabilidade das inclinações responsáveis por eles perante as leis da sociedade.

O homem contribuirá muito para a formação desta sociedade se permitir ser um sujeito ético. De acordo com Chauí, o sujeito ético deve *“ ser consciente de si e dos outros, isto é, ser capaz de reflexão e de reconhecer a existência dos outros como sujeitos éticos iguais a ele; ser dotado de vontade, isto é, de capacidade para controlar e orientar desejos, impulsos, tendências e de capacidade para deliberar e decidir entre várias alternativas possíveis; ser responsável, isto é, reconhecer-se como autor da ação, avaliar os efeitos e consequência dela sobre si e sobre os outros; ser livre, isto é, ser capaz de oferecer-se como causa interna de seus sentimentos que o forcem e o constringam a sentir, a querer e a fazer alguma coisa ”*. Se cada membro acreditar no poder da ética, todos terão direito à existência, à integridade corporal, à busca da perfeição da vida eterna, à educação, seja regular ou “ especial ”, assim como à liberdade pessoal de dirigir sua própria vida como senhor de si mesmo e de seus atos.

A sociedade inclusiva levada a sério assegurará a todos a liberdade de expressão e o direito de serem tratados como pessoas e não como coisas. Enfim, todos deverão agir com responsabilidade e aproveitar a oportunidade de educar-se e de viver harmoniosa, democrática e justamente.



#### 4. Conclusão

Ao encerrarmos aqui este estudo sobre a **Surdez: Uma história de vida**, acreditamos ter discorrido com clareza sobre o que a nossa própria realidade social nos confere de modo tão vivo e comprovado.

Consideramos valiosas as questões discutidas. Se estas fossem, de fato, levadas a sério, o respeito e a educação do deficiente auditivo, assim como dos demais portadores de necessidades educativas especiais, poderiam se dar na sua plenitude e estes seriam capazes de dialogar com quaisquer situações vitais que surgissem durante as suas trajetórias no seio da sociedade.

Os pensamentos desarrolados<sup>p?</sup> nesta monografia não são meras linhas de críticas ou pessimismo, pelo contrário, vasam-se na crença ao homem portador de deficiência auditiva e na sua capacidade construtiva. Se assim forem considerados, certamente, se tornarão agentes da própria transformação, contribuindo para a formação do não-sujeito a sujeito-cidadão e, conseqüentemente, para a construção de uma sociedade igualitária onde o coletivo consiga suprir o individualismo.

Esse trabalho foi um momento de reflexão sobre o futuro dos educandos com deficiência auditiva, e até mesmo sobre nós, pois é preciso nos entendermos para que possamos trilhar um caminho com o outro de maneira produtiva, prazerosa e de qualidade.

Enfim, devido ao pouco tempo disponível para uma pesquisa mais detalhada, desejamos não esgotar esta reflexão e sim aprofundá-la num curso de Mestrado em Educação Especial, o que nos proporcionará muita satisfação e êxito enquanto seres humanos.

## 5. Bibliografia

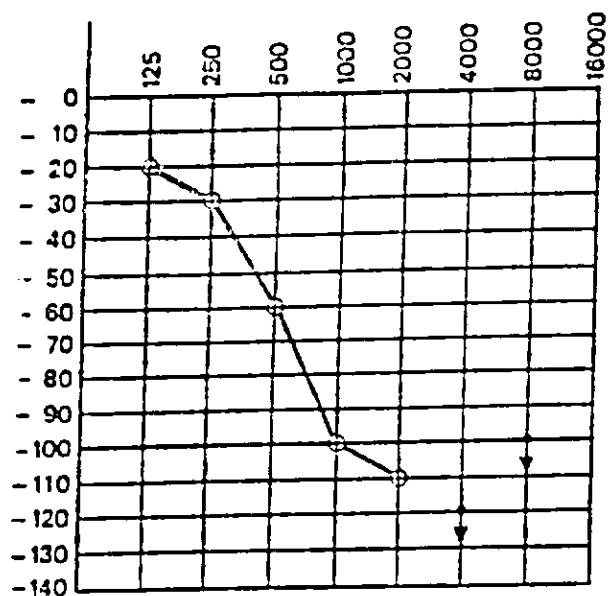
1. CHOMSKY, N. Linguagem e Pensamento. Petrópolis, Vozes, 1968.
2. COSTA, Maria da Piedade Resende da. Deficiência Auditiva: considerações gerais e aspectos educacionais. São Paulo: EDICON, 1988.
3. ELLIOT, A. J. A linguagem da criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
4. FERNANDES, Eulalia. Problemas linguísticos e cognitivos do surdo. Rio de Janeiro, Agir, 1990.
5. \_\_\_\_\_. Bilinguismo e educação: interferências da língua de sinais no desempenho da Língua Portuguesa e causas educacionais. In: Espaço. Rio de Janeiro, MEC/INES, ano III, n.º4 - Jan. / Jun., p.53- 57. 1994.
6. \_\_\_\_\_. Linguística e Patologia da fala. In: Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ, n.º17, p.149 - 158. 1994.
7. \_\_\_\_\_. Surdez e bilinguismo: leitura de mundo e mundo da leitura. In: Repensando a educação da pessoa surda. Rio de Janeiro, INES. Anais de seminário., 1997.
8. FONSECA, Vitor da. Educação especial. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
9. FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. São Paulo, Paz e Terra, 1991.
10. FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. Rio de Janeiro, Editora Scipione, 1976.
11. GARCIA, Regina Leite. Alfabetização: responsabilidade de todos. In: ANDE, n.º15. São Paulo, Cortez, 1990.

12. GOLFFMAN, Erving. Estigma: nota sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
13. KELMAN, Celeste Azulay. Sons e gestos do pensamento: um estudo sobre a Linguagem egocêntrica na criança surda. Brasília: CORDE, 1996.
14. LAJONQUIÈRE, Leandro de. Para repensar as aprendizagens de Piaget a Freud. São Paulo, Editora Vozes, s.d.
15. LURIA, A.R. Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre, Artes médicas, 1987.
16. \_\_\_\_\_. Desenvolvimento cognitivo. São Paulo, Ícone, 1990.
17. MANTOAN, Maria Teresa Egler. Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais. São Paulo, Scipione, 1989.
18. MORIN, Edgar. O paradigma perdido: a natureza humana. Biblioteca Universitária, Publicações Europa-América, 1973.
19. MYKLEBUST, H.R. Psicología del sordo. Madri, Editorial Magistério Español, 1975.
20. OLIVEIRA, Anne Marie Milon. A formação de professores. In: Garcia, Regina Leite. Alfabetização dos alunos das classes populares. São Paulo.
21. PEREIRA, Olívia. Princípios de normalização e da integração na educação dos excepcionais. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
22. PERELLÓ, J. & TORTOSA, F. Sordomudez . Barcelona, Medica, 1978.
23. PIAGET, J. A linguagem e o pensamento da criança. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

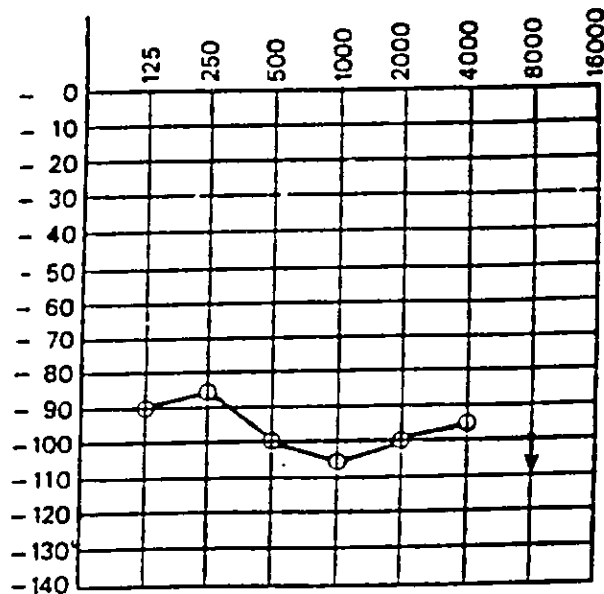
24. RIBAS, João B. Cintra. O que são pessoas deficientes ? São Paulo:Brasiliense, 1983.
25. WINNICOTT, D.W. A criança e se mundo. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
26. WYK, Van. Perceptual Learning. California, S. D.
27. VEIGA, F. D. A criação segundo Freud: O que queremos para os nossos filhos ? Rio de Janeiro, Pelume-Dumará, 1990.
28. VYGOTSKY, L. S. Obras completas – Fundamentos de Defectología. Havana, Pueblo Y Educación, 1989.
29. \_\_\_\_\_ . Pensamento e Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

**6. Anexos**

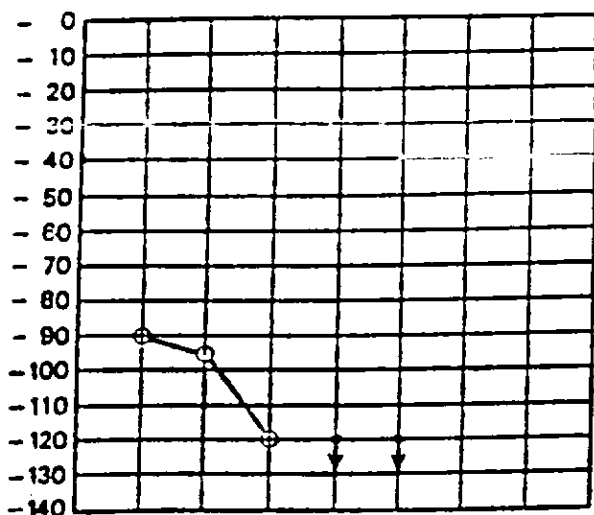
## Anexo I



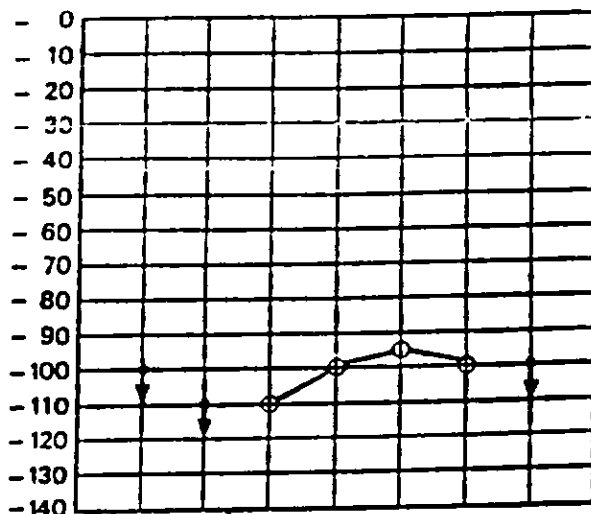
1



2



3



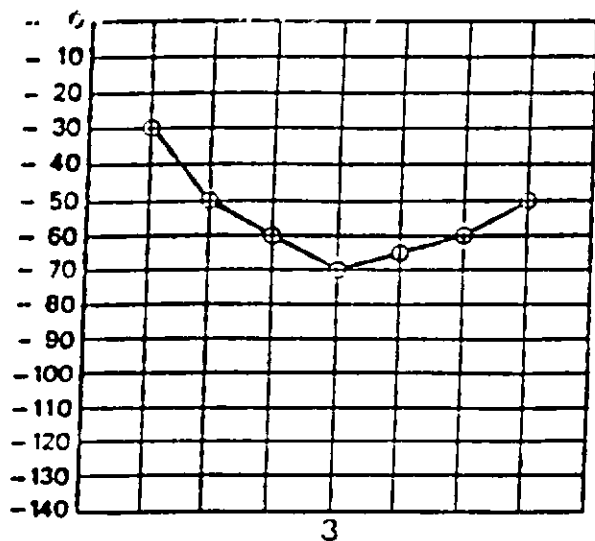
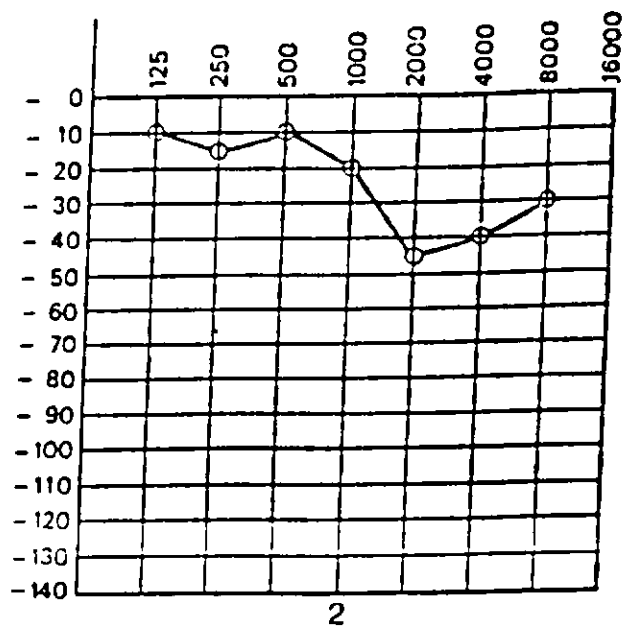
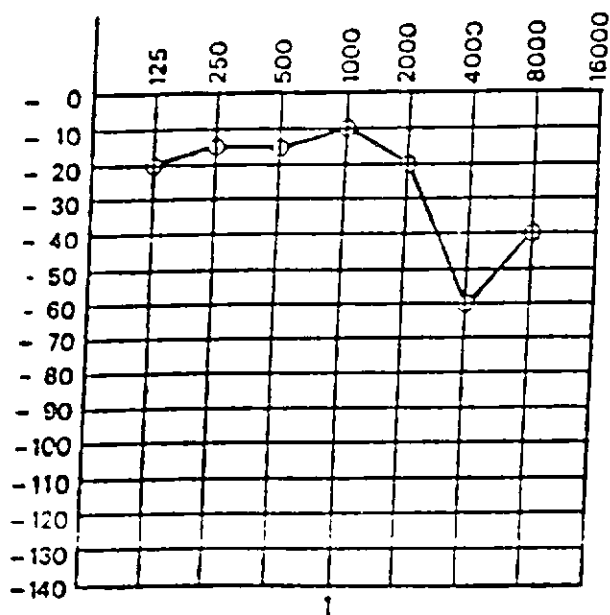
4

### Audiogramas tonais de surdez profunda.

- 1) Surdez profunda com resquícios nos graves que permitem perceber a voz e sua melodia, certos aspectos fonéticos da fala. É uma surdez do primeiro grupo das deficiências auditivas profundas.
- 2) Surdez profunda com resquícios em todas as frequências, mas com 100 dB de perda média. A prótese auditiva permite a percepção dos timbres fonéticos que dão um bom controle auditivo da fala.
- 3) Surdez profunda do terceiro grupo. Somente alguns sons graves são percebidos, talvez pelo sáculo (aparelho de equilíbrio) e não pela cóclea (aparelho auditivo). A única organização das formas é a organização temporal.
- 4) Surdez profunda do segundo grupo. Entretanto, os resquícios no agudo, acessíveis a uma amplificação, dão uma imagem acústica do timbre fonético das vogais e das consoantes.

Modelos de audiogramas.

## Anexo II



- Audiogramas tonais: surdez de percepção.**
- 1) Entalhe audiométrico a 4000 Hz. Geralmente ele é devida a um traumatismo acústico ou craniano. Sua incidência social é praticamente nula, a fala é perfeitamente percebida.
  - 2) Entalhe ampliado sobre 2000 Hz. Encontramos esse tipo de surdez em pessoas submetidas a sons altamente potentes (orquestras com aparelhagem de forte potência, por exemplo). Embora pouco diferente da anterior, o efeito sobre a fala é nítido, o sujeito pede para repetir.
  - 3) Curva em U. Os graves e os agudos são percebidos com mais nitidez do que as frequências médias. A fala é mal reconhecida, embora o alerta auditivo seja bem melhor, deixando dúvida se fizemos uma observação muito rápida da criança.

Modelos de audiogramas.

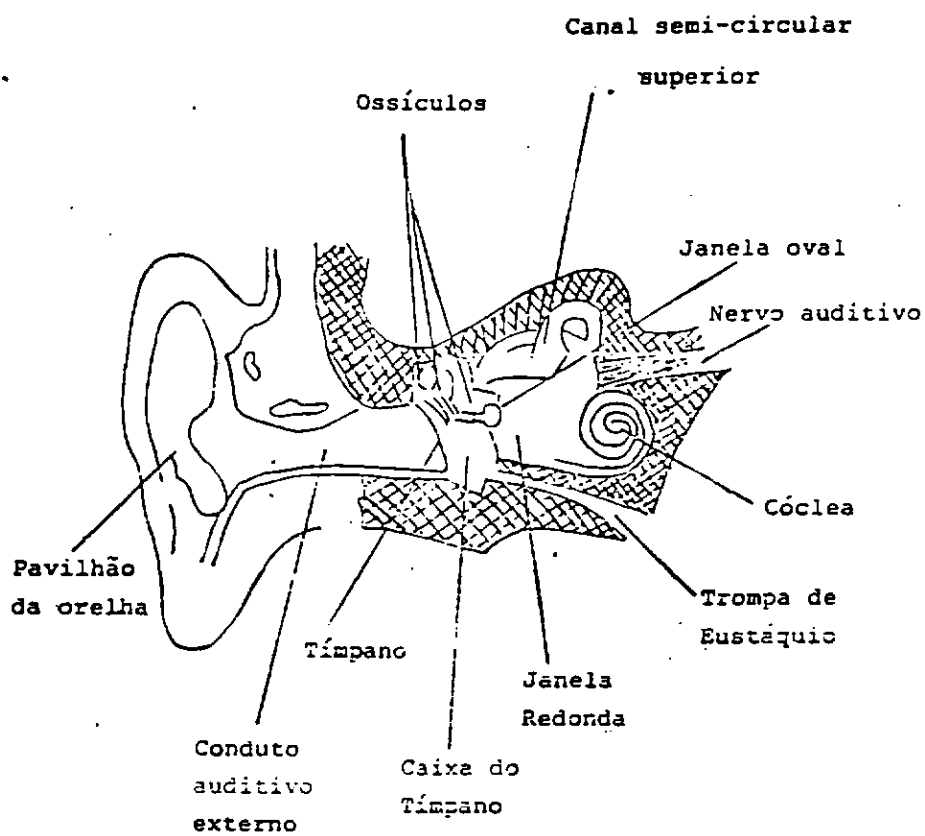
### Anexo III

Representação entre o grau de perda auditiva e a dificuldade apresentada para entender a conversação.

Nível de audição		Frequência						
		125	250	500	1000	2000	4000	8000
Decibéis								
Audição normal	0 10 20	Sem dificuldade significativa com a conversação sussurrada.						
Perda auditiva leve	30 40	Dificuldade somente com a conversação sussurrada.						
Perda auditiva moderada	50	Dificuldade frequente na conversação normal.						
Perda auditiva moderadamente severa	60	Dificuldade frequente mesmo em conversação alta.						
Perda auditiva severa	70 80 90	Pode entender somente conversação amplificada.						
Perda auditiva profunda	100 110	Geralmente não consegue entender a conversação mesmo amplificada.						



## Anexo IV



## Anexo V

### Entrevista

#### 1. Qual o seu nome ?

Você deseja que eu fale em Língua de Sinais ou em Língua Portuguesa? Pois bem, responderei em português. Eu me chamo Adriano S.S.

#### 2. Quantos anos você tem e qual a sua escolaridade?

Eu tenho 20 anos e curso a terceira série do segundo grau em informática.

#### 3. Qual a importância da família em sua vida?

O que sou, hoje, agradeço aos meus pais por terem descoberto a minha surdez e me encaminhado para especialistas na área. Sou feliz por ter sido aceito por minha família ( pai, mãe e irmão ) e por acreditar que sou capaz de viver e interagir com outras pessoas portadoras ou não de deficiências. Se a minha família tivesse a visão de um mundo diferente sobre a minha pessoa e a minha deficiência, jamais seria alguém capaz de prosperar socialmente.

#### 4. E a escola?

A escola é o meu segundo lar. É neste ambiente que aprendi a respeitar a minha deficiência e os meus colegas. Aprendi, aprendo e sei que aprenderei muito na escola.

#### 5. Qual a sua opinião sobre as disciplinas que compõem o currículo do ensino regular?

As disciplinas são muito importantes. A grande questão é como o profissional vai dirigi-las ao seu público portador de necessidades educativas especiais. Não tive maiores problemas com as disciplinas da área de humanas e exatas. A disciplina que mais me causava e ainda me causa espanto é o Inglês. Eu só tirava nota abaixo da média, mas não desisti em tentar aprendê-la.

#### 6. Você se recorda de algum fato escolar onde o preconceito estivesse presente?

Preconceito?! Todos brincavam, sorriam, choravam e eu fazia as mesmas coisas, pois entendia o que cada colega sentia e dizia através dos gestos e expressões faciais.

No primário, os colegas haviam percebido que eu não escutava e me chamavam de " surdo ". Lembro-me que a professora conversou com a turma sobre a surdez e todos queriam me ajudar. Eu tentava me comunicar pela oralidade, embora fosse muito difícil... tive muita ajuda dos colegas de classe e da fonoaudióloga.

**7. Qual a sua opinião sobre os métodos utilizados na educação do deficiente auditivo?**

O método que eu utilizei com a pedagoga e a fonoaudióloga que me acompanhavam foi o oral. Confesso que não sei muito sobre os métodos. Eles existem, são bons, mas a atuação do educador transcende qualquer um deles.

**8. Como você se posiciona frente ao mercado de trabalho?**

Eu trabalho na parte de informática de uma locadora. Eu tive e tenho o apoio dos meus pais que me ajudaram a lutar por um espaço no mercado de trabalho. Mas e os outros que não têm a dedicação familiar, o esforço pessoal, sentem-se só e recuam na primeira tentativa com insucesso?

A oportunidade de trabalho deve existir, o que deveria acabar era a idéia de que um "ser diferente" deve ser marginalizado. A perpetuação da discriminação e da segregação dos "não normais" é cruel!

**9. O que tem a dizer sobre o bilinguismo?**

O bilinguismo é essencial. O fato para dominar duas línguas- a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa - faz com que o surdo e qualquer outro portador de deficiência auditiva seja capaz de interagir com a comunidade ouvinte na qual está inserido, bem como na comunidade de não ouvinte.

A sociedade deveria ter acesso não só à aprendizagem da Língua Portuguesa, do Inglês, do Espanhol etc., mas também da Língua de Sinais.

**10. Qual o seu maior desejo enquanto cidadão portador de necessidade educativa especial?**

Falta ao ser humano mais amor e respeito ao seu semelhante. Apesar de ser amado e aceito por minha família, amigos, colegas de escola, sei que muitos sofrem com o preconceito dos que ignoram tudo que foge dos padrões da sociedade. O meu maior desejo é que a sociedade mude radicalmente e todos os excluídos possam ser incluídos com os mesmos direitos de ir e vir.

Anexo VI

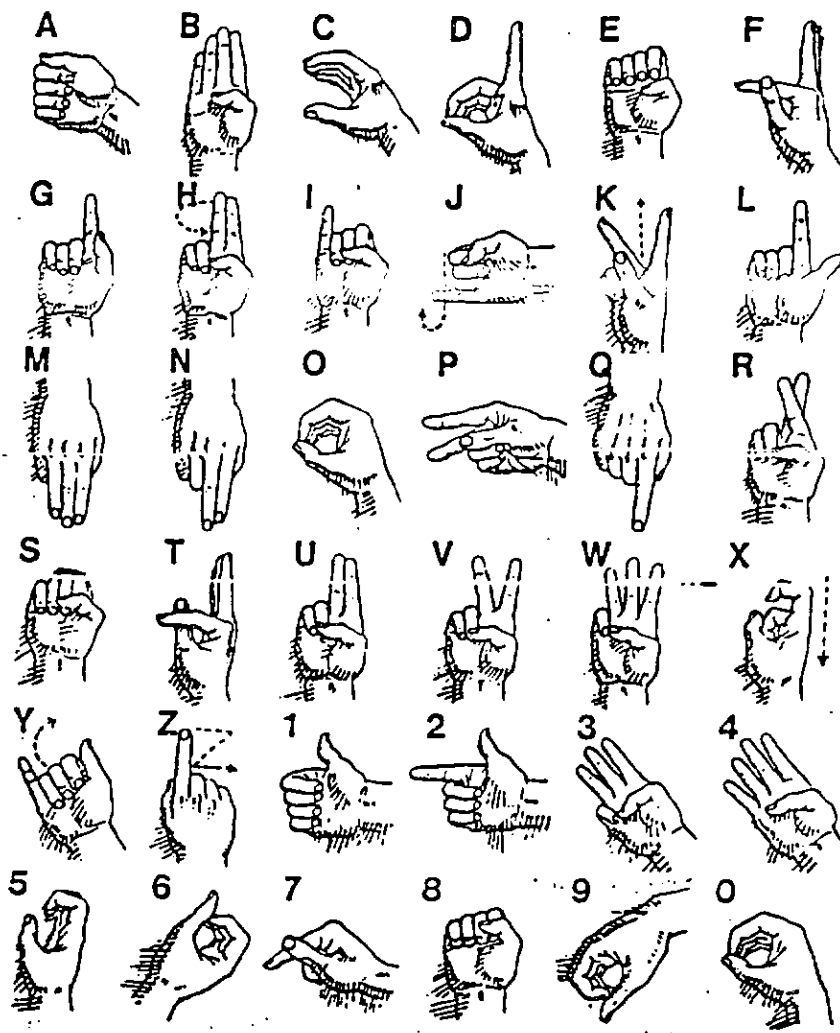


Fig. 4 - Alfabeto manual.